

**Rádio CBN AM/FM**

**Programa CBN Brasil, com o jornalista Carlos Alberto Sardenberg**

**2005.12.19**

Miriam Leitão de férias. O dia-a-dia da economia fica por nossa conta e hoje nós estamos entrevistando o presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, Claudio Sales. Cláudio Sales, boa tarde

Claudio Sales - Boa tarde, Sardenberg

Sardenberg - Foi na última sexta-feira o leilão de energia nova do governo. Leilão de energia nova, para vocês entenderem, seria a venda da energia a ser construída por novas usinas. Bom, a Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica representa, como o próprio nome diz os investidores de energia, mas são os investidores privados, certo?

Claudio Sales - Certo.

Sardenberg - O que a Câmara achou do leilão de energia nova?

Claudio Sales - Antes do leilão, nos chamamos atenção, Sardenberg, para esse limite de preço de R\$ 116 colocado para as usinas hidrelétricas novas serem construídas, consideramos esse limite muito baixo, achamos que ele não seria suficiente para encorajar investimentos privados e foi o que de fato aconteceu. Basicamente, a enorme maioria dos projetos hidrelétricos ficou por conta de estatais fazerem esses projetos, uma vez que eles se mostraram anti-econômicos. E as estatais - e eu me baseio em declarações do próprio presidente da Eletrobrás - estariam assumindo o risco de fazer projetos com retorno de apenas 10%, o que mostra uma inviabilidade. Se caderneta de poupança dá retorno de 6% sem risco nenhum, como é que se vai correr um risco, um mega-risco como esse, de construção de uma hidrelétrica, com retorno de 10%. E esse é um dos problemas que nós percebemos nesse leilão.

Sardenberg - Deixa eu perguntar uma coisa: o preço fixado pelo governo, para a partida do leilão, era o teto de R\$ 116 por megawat hora?

Claudio Sales - R\$ 116 reais megawat hora e esse era um teto fixado para a primeira fase do leilão, para as hidrelétricas, que era uma fase apenas classificatória.

Sardenberg - Quantas hidrelétricas foram leiloadas?

Claudio Sales - Foram leiloadas oito hidrelétricas e uma delas, Maguari, teve uma participação de um investidor tradicional do setor elétrico, privado. Depois, teve algumas outras, de pequeno porte, de menor porte, que tiveram participação de empreiteiros, também privados, mas a enorme maioria, principalmente em termos de megawat, ficou por conta das estatais, inclusive participando sozinha em vários projetos.

Sardenberg - Então, a sua opinião é que as estatais foram levadas a ocupar esse espaço?

Claudio Sales - As estatais foram levadas a ocupar esse espaço que, reconhecidamente, não remunera de forma eficiente os projetos, e aponta para um caminho que nos achamos que o Brasil já tinha reconhecido como ineficaz, que é um caminho de estatização da expansão do setor elétrico. Hoje, o dilema que percebemos à nossa frente é uma situação que, possivelmente, já no ano que vem, vai se viver, que o país não tem solução se não fizer novamente um grande projeto estatal. Isso aconteceu na década de 70 e eu acho que tem muitos mecanismos para a sociedade perseguir alternativas mais eficientes. Outra questão, que eu gostaria de trazer desse leilão, é que a sinalização de preço desse leilão era importante não apenas para esses projetos novos, licitados na primeira fase do leilão, como para outros projetos novos, mas cuja concessão já fora leiloadada pelas regras antigas. Enfim, se a sinalização de preços fosse correta, esses projetos seriam viáveis. E esses são os projetos que estão mais na eminência de terem suas obras iniciadas, porque já têm licença ambiental, já têm contrato com construtoras etc. E também esses projetos não tiveram como acontecer.

Sardenberg - Por que eles não aconteceram?

Claudio Sales - Eles não aconteceram porque essa tarifa não era suficiente para, adicionando-se o valor, que eles pagam pela concessão, tornar o projeto viável. Esses projetos, concebidos pela regra anterior, tiveram que pagar pela concessão. Quer dizer, é um paradoxo porque, na verdade esse dinheiro da concessão, não é um dinheiro que fica para o empreendedor. É um dinheiro pago pelo empreendedor, pago pelo projeto, ao contribuinte, ao cidadão brasileiro. Quer dizer, o conjunto da obra - leilão, regras, etc - ele tinha que ser tal que permitisse que esses projetos, descontados o valor pago, pudessem ser tocados adiante e não foi o que aconteceu.

Sardenberg - São empresas cuja concessão, usinas cuja concessão já foi outorgada, foi paga, e as obras ainda não começaram?

Claudio Sales - As obras ainda não começaram. São projetos que, eu diria, o Brasil tem urgência de levá-los adiante, porque a situação do abastecimento do Brasil, na verdade, do nosso ponto de vista, está longe de ser confortável. Nós temos uma situação de risco entre agora e 2010, por força da falta de gás para rodar todas as termelétricas que existem aí. E, depois, mesmo de 2010 em diante. Porque o que esse leilão mostrou é que foi suficiente para atender a demanda nós estamos fazendo projeção de crescimento de economia, crescimento de PIB, muito modesta, comparada com o cenário mundial. Com um alento um pouco maior na economia, seguramente nós entraríamos numa seara de aumento de risco de falta de energia.

Sardenberg - Na sua opinião, portanto, o novo modelo do setor elétrico ainda não emplacou?

Claudio Sales - Eu acho que os cenários são confusos dada a complexidade das questões do setor elétrico. Mas uma coisa me parece bastante clara: é que, de novo, está havendo uma série de sinalizações por parte do governo dizendo que a solução é fazer o leilão, o grande leilão da usina do rio Madeira ano que vem como a solução para o Brasil. Eu não acredito em soluções mágicas, em mega-soluções. O custo de Itaipu para o Brasil é um custo assustador. Podemos falar sobre isso em uma outra ocasião...

Sardenberg - Essa usina é a do rio Madeira?

Claudio Sales - Do rio Madeira, uma usina baseada numa tecnologia que não existe. Para se ter uma idéia, ela usa turbinas cujo tamanho é, pelo menos, o dobro do que existe mundialmente. É um projeto que teria que ser totalmente novo. As análises de viabilidade sequer estão prontas. Ela impõe um custo na transmissão gigantesco, que também não está claro. E o pior de tudo, quer dizer, o melhor de tudo seria, é que existem outras alternativas. Se tem eficiência e efetiva atração de Investimentos privados para viabilizar os melhores projetos que estão aí, o Brasil não ficaria novamente nesse córner de ter de fazer um mega-projeto salvador, em cima da hora, que não pode atrasar nenhum mês. Esse tipo de coisa, meu Deus, pensei que nós já estávamos livres disso.

Sardenberg - Essa usina da Madeira ainda na está licitada?

Claudio Sales - Não. É o que o governo está anunciando, ainda informalmente. Quer dizer, o projeto é fazer apenas essa licitação no primeiro semestre do ano que vem. Apenas não. Fazer inicialmente essa licitação no primeiro semestre do ano que vem.

Sardenberg - Claudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, obrigada por sua entrevista na CBN

Claudio Sales - obrigado Sardenberg.